Ano 3.º — Aveiro, 11 de Setembro de 1913 — Numero 134

A LIBERDADE

Alberto Souto
Director

Republicano-Democratico

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

Propriedade da Empreza A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

Edição do DIRECTOR

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Ainda as contas do tesouro

Poucos são. Mas jornaes ha que pretendem convencer o *seu* publico de que as contas da gerencia de 1912-1913, que acusam um *superavit* de 111 contos, não são exatas. As razões deles são peregrinas. Assim, começam por fazer notar que só em outubro podem estar fechadas as contas da gerencia. Mas escondem que o ministro, prevendo a objeção, declarou isso mesmo, nos seguintes termos:

«A conta que hoje nos ocupa não é a conta orçamental definitiva da gerencia, cuja publicação a lei obriga a fazer em outubro, mas a conta mensal das receitas e despezas orçamentais do mez de junho, a qual, adicionada das dos onze mezes antecedentes, produz tambem uma conta de gerencia.

Esta circunstancia, porém, **não pode influir no resultado que apontamos.**

A conta a publicar em outubro que representa rigorosamente os pagamentos efetuados, exclue da receita as importancias das reposições realisadas até áquela data por excessos de fundos saídos, abatendo-as, portanto, tambem na despeza; a presente conta compreende na receita essas reposições, mas, em compensação, compreende tambem na despeza a importancia total dos fundos saídos dos cofres do Estado para pagamento de despezas publicas orçamentais.

As alterações, portanto, nas receitas e despezas da conta de outubro, **não podem influir no saldo,** a não ser por quaisquer pequenas alterações d'alguns escudos, que os cofres tenham encontrado, em consequencia d'algum lapso agora inapreciavel, até ao encerramento definitivo da escrita.»

Que vale, pois, a objeção dos adversarios da Republica, exasperados com o exito magnifico, da honrada administração republicana? Nada.

Pois veremos que as outras razões, tambem por eles aduzidas, teem a mesma inconsistencia.

Assim, dizem eles que o aumento das receitas proveiu dos impostos, e um jornal do Porto, que, depois do advento da Republica, parece ter quebrado a linha de imparcialidade que em outras mãos lhe ganhou creditos, tem o comentario espertissimo de que «não foram novas fontes de riqueza que se abriram», mas «*encargos* que se impuzeram sobre a riqueza existente.»

Que se saiba, só a contribuição predial foi remodelada e, se essa remodelação significou gravame para 4 por cento dos contribuintes inscritos nas matrizes, 87 por cento foram por ela aliviados.

Mas foi só a contribuição predial que rendeu mais? Não, por certo. Renderam mais a contribuição industrial, o imposto de rendimento, o imposto do selo, os direitos de importação, o real d'agua, o imposto do pescado, e o imposto do consumo... E renderam mais porque se impuzessem *novos* encargos sobre a riqueza particular? Evidentemente, não. O aumento no *rendimento dos impostos* não pode deixar de provir de dois factores: uma administração mais honesta, em que os *afilhados* não contam, e o aumento da materia tributavel. Ou os impenitentes defensores da crapula monarquia imaginam que os impostos do consumo, do real d'agua, do pescado e outros, que a contribuição industrial e que os direitos de importação, afóra cereais, subiram a ponto de desfazerem dois milhares de contos de excedente da receita, só porque os contribuintes tiveram a generosidade patriotica de acudir á pobresa do erario publico? Não se tendo creado impostos novos, nem remodelado, sequer, os impostos existentes, com excéção da contribuição predial, como fica dito, é claro que se essas verbas de receita se assinalam na gerencia de 1912-1913 por numeros mais crescidos que no ano anterior, isso se deve atribuir ao aumento da riqueza.

* * *

Faz-se tambem grande alarde com o rendimento da importação dos cereais. Poderiamos citar outros anos, em que a importação de cereais não foi menor, nem menor a receita d'aí resultante, sem que os governos da monarquia tivessem, comtudo, realisado a sombra, sequer, do equilibrio financeiro na gerencia respétiva.

Mas, se fossemos a entrar em tal caminho, porque não haviamos de notar egualmente a quebra de receitas resultantes d'outras causas acidentais?

Vê-se que os pobresinhos estão extremamente falhos de argumentos; e tão falhos que, na carencia de factos, inventam-nos.

Aqui temos um dos tais periodicos, que, em artigo dedicado ao assunto, pontificava assim:

«Temos, porém, ainda mais e melhor. O Estado foi buscar aos bens da Egreja não só 8:714 contos de inscrições, que fez entrar no orçamento do ministerio da justiça, mas tambem toda a receita das rendas de bens imoveis e alugueres d'outros e leilões e vendas, em hasta publica e em particular, de bens moveis, alfaias, paramentos, quadros, objétos d'arte, o que tudo ascende a muitas centenas de contos.»

Lêram? Pois tudo isto é simplesmente uma falsidade! Até agora, no orçamento da justiça, não foi incluida verba alguma proveniente de quaisquer bens pertencentes ás egrejas do culto catolico ou das congregações religiosas.

No que diz respeito aos *bens do culto catolico*, a sua administração continúa ainda autonoma, por lei, e está a cargo da comissão central da execução da lei da separação.

Quanto aos titulos da divida publica, arrolados em virtude da lei da separação, a comissão central só desde julho ultimo tem começado a fazer a sua entrega ao ministerio das finanças. Para esse efeito, um funcionario da Junta do Credito Publico trabalha junto da comissão central da execução da lei da separação, a fim de promover sucessivamente o averbamento desses titulos para o Estado. Só depois de realisado esse ato do averbamento é que verdadeiramente o Estado poderá receber os seus rendimentos.

Quer dizer: *os averbamentos ainda não estão feitos.* O Estado, até esta data *nada recebeu proveniente desses titulos*, nem podia receber, legalmente, sem esta formalidade.

Mas ha mais: logo que o Estado comece a receber taes rendimentos, a lei da separação indica qual a sua aplicação, no art.º 144.º e seus paragrafos, que dizem, em sumula:—destinarem-se para o *pagamento dos encargos resultantes da concessão das pensões eclesiasticas; á Tutoria da Infancia, aos fins de assistencia e beneficencia e á educação e instrução.*

Sucede que, não tendo o Estado recebido os rendimentos dos bens da Egreja, que, repita-se, ainda estão sob a administração autonoma da comissão central da execução da lei da separação, ele tem tido até agora os encargos das pensões eclesiasticas e da Tutoria da Infancia. Nada recebeu e pagou tudo isso.

Aí está como fazem a historia os adversarios da Republisa e o valor dos seus argumentos contra a exatidão das contas do Estado.

* * *

Mas temos mais: queriam os mesmos escrupulosos censores que o governo tivesse não só equilibrado as contas respeitantes á gerencia de 1912-1913, mas houvesse pago egualmente os suprimentos dos anos economicos anteriores.

Por pouco que lhe não exigem que pagasse a divida flutuante e a divida consolidada.

Que capazes d'isso serão eles! Pois não os vêmos a pisar e repisar que o governo creou, por portaria de 3 de fevereiro ultimo, 10:300 contos de inscrições, os quais deveriam estar pagos até 30 de julho e não estão?

Eles conhecem excelentemente que a emissão desses titulos foi autorisada com *adeantamento de receitas*, na duvida de que se pudesse cobrar a tempo metade, pelo menos, da contribuição predial. Os titulos, com efeito, emitiram-se; mas como a cobrança da contribuição se fez a tempo, achou o governo que não os devia colocar e por isso continuam integros, ainda hoje, na posse da fazenda. Não houve, portanto, nada que amortisar até 30 de julho, porque o Estado não recebeu tão pouco um centavo por motivo dessa autorisação.

Quanto ao mais, como circulação fiduciaria, conta do tesouro no Banco de Portugal, agio do ouro, etc., são argumentos contra a existencia do *superavit* de quem ou não sabe o que escreve, ou tem os seus leitores na conta de supinamente ignorantes.

E isso é lá com eles...

O 3.º aniversario da Republica

Por toda a parte se trata já de organisar comissões para festejar o 3.º aniversario da implantação da Republica, não nos constando que em Aveiro se pense tambem em festejar tão glorisa data.

Quebrando os sinos e... e a gréve

Eis o que em data de 8 diz o correspondente de *O Seculo*, em Braga:

BRAGA, 8—T.—Na freguezia de Aveledo, deste concelho, onde parece ainda haver bastantes reacionarios, no dia do consorcio do ex-rei D. Manuel, o sineiro, ou por motu proprio ou obedecendo ás ordens dos talassas, levou todo o dia a repicar os sinos e a deitar foguetes. Foi entregue queixa á autoridade administrativa.

E' o que se chama uma grata homenagem dum homem de badalo com força para repiques.

Contra o aperto de mão

Dizem que em Lisboa se vae fundar uma Liga que terá ramificações por todo o continente, contra o uso do aperto de mão que nada significa e é anti-higienico.

Quer-nos parecer que esta Liga, terá resultados eguaes a uma outra criada ha anos com o mesmo fim: nunca deu nada que se visse. E' certo que nós sômos defensores da ideia, mas não cremos que o aperto de mão deixe de existir.

Leia-se e depois... fale-se

A CRONICA FINANCEIRA

do insuspeito e escrupuloso «Diario de Noticias», de Lisboa, e as finanças nacionais

Na sua ultima cronica financeira diz o conceituado jornal lisbonense sobre politica e administração nacional:

INTERIOR

Politica e finanças—Causaram uma impressão das mais favoraveis embora por diferentes razões, a noticia oficiosa ontem dada á imprensa da proxima amnistia e a publicação ante-ontem feita das contas de gerencia do ano 1912-1913.

E depois de aplaudir a concessão da amnistia projetada continua:

A segunda noticia—a da apresentação das contas de gerencia com um *superavit* de 111 contos—que mais particularmente nos interessa representa iniludivelmente um grande passo dado no caminho da solução definitiva do problema financeiro e administrativo portugues.

Constitue ela uma grata surpreza e sendo a antecipação que melhor nos garante a realisação das previsões orçamentais do ano corrente—só póde ser bemvinda.

E' de resto, o que justifica as palavras de merecido desvanecimento que precedem a apresentação de um facto sem precedentes proximos na nossa historia financeira, embora de ha muito neste lugar viessemos dizendo que um bom tacto administrativo, vigorosamente e persistentemente posto em acção, alcançaria com segurança um tal resultado.

Os dados mais salientes das contas de gerencia do ano findo são os seguintes:

As receitas subiram a 84:558 contos e as despezas a 84:073 contos, o que produziria um *superavit* de 485 contos. Deduzindo, porém, as receitas e despezas dos serviços autonomos, temos nós que as receitas publicas se cifram em 72:411 contos e as despezas em 72:300 contos, o que produz com efeito, o sensacional *superavit* de 111 contos.

Em confronto com as contas de gerencia do ano de 1911-1912, vê-se que as receitas aumentaram de 7967 contos e as despesas de 2:070 contos, passando-se de um *deficit* de 5:085 contos ao citado *superavit* de 111 contos.

Foram publicados na sua integralidade os quadros demonstrativos dos citados aumentos e que representam, em grande parte, o cumprimento pontual dos seus encargos, agora obtido dos contribuintes.

Julgamos, no entanto, interessante recapitular as elevações acusadas em algumas das grandes receitas do Estado:

A contribuição predial renden mais 1:714 contos; a contribuição industrial mais 260 contos, o imposto de rendimento mais 156 condos, a contribuição de registo mais 452 contos, o imposto de selo mais 203 contos, os direitos de cereais mais 2:155 contos, os restantes direitos de importação mais 1:219 contos, o real dagua mais 222 contos, o imposto de pescado mais 63 contos, o imposto de consumo mais 42 contos.

Na despeza é interessante deixar assinalado que no ministerio das finanças se gastaram menos 204 contos, no do interior mais 1280 contos, no da justiça mais 153 contos, no da guerra mais 850 contos, no da marinha mais 328 contos, no dos estrangeiros menos 6 contos, no do fomento mais 565 contos e no das colonias mais 661 contos.

Oxalá se persista na senda iniciada e, regularisadas uma vez as finanças do Estado, se prepare desde já o largo edificio das transformações economicas futuras.

Fundo externo—A divida externa portuguesa 3 0[0 subiu ante-ontem consideravelmente, passando de 62,25 a 62,62.

Mercado cambial—Não se agravaram durante a semana finda os cambios.

Se qualquer tendencia se manifestou, foi no sentido de melhoria.

DE PIERRE LOUIS

APHRODITE

Pierre Louis é um evocador maguifico das tratições antigas. A sua prosa tem o encanto e a belesa do verso; a Aphrodite *o ritmo, a gracilidade e a perfeição de um poema.*

Admiravelmente pintada, Chrysis, a cortezã egipcia, perpassa nestas paginas como um meteoro, entre prazeres, aventuras, caprichos doidos que lhe custam a vida. A maior gloria do grande escritor francês é essa soberba obra, da qual pelo nosso excerto, os leitores poderão fazer uma ideia.

Demetrios agarrou-a pelos braços e, sem uma palavra, vergou-a para traz com violencia.

Ela teve um momento de angustia, mais de repente uniu os joelhos, contraiu os braços com raiva, recuou, e disse em vóz baixa:

—Ah! não tenho medo de ti, Demetrios! Tu nunca me possuirás pela força, embora eu fosse tão fraca como uma virgem amorosa e tu tão robusto como um Atlante. Não é só o teu gôso que te preocupa, é principalmente o meu. O que tu queres é ver-me, ver-me toda, porque julgas que eu sou bela e realmente não te enganas. Mas a lua ilumina muito menos do que os meus doze cirios de cera. Está um tanto escuro aqui. Demais a mais não é costume a gente despir-se no meio da rua. E, mesmo que eu me despisse, não poderia depois tornar-me a vestir porque não trouxe a minha escrava. Deixa-me, olha que me magôas os braços!

Calaram-se alguns momentos e Demetrios continuou:

—Acabemos com isto, Chrysis! Bem sei que não te posso obrigar, mas deixa-me seguir-te. Por muito orgulhosa que tu sejas, a gloria de recusares Demetrios havia de custar-te cara.

Chrysis continuou silenciosa.

Demetrios insistiu mais docemente ainda:

—O que receias de mim?

—Tu estás habituado ao amor das outras. Mas sabes porventura o que se deve dar a uma cortezã que não ama?

Ele impacientou-se.

—Mas eu não te peço que me ames. Estou farto de ser amado! Só te peço que te abandones. E para isso dar-te-hei todo o oiro do mundo. Tenho-o aqui, no Egipto.

—E eu tenho-o nos meus cabelos. Estou farta de tanto oiro! Não quero mais oiro. Só quero tres coisas. Serás capaz de m'as dar?

Demetrios presentiu que ela ia pedir-lhe o impossivel. Fixou-a anciosamente. Mas ela pôz-se a sorrir, e disse numa voz lenta:

—Quero um espelho para mirar os meus olhos nos meus olhos.

—Has de têl-o. Que mais queres? Dize depressa!

—Quero um pente de marfim cinzelado que ha de penetrar no meu cabelo como a rede penetra na agua doirada pelo sol.

—Que mais?

—Dar-me-has o pente?

—Certamente. Dize o resto.

—Quero um colar de perolas que se espalhem pelos meus seios, quando dansar em tua honra, no meu quarto, as dansas nupciais do meu paiz.

Demetrios levantou os olhos para ela:

—Acabaste?

—E's capaz de me dar o colar?

—Aquele de que tu gostares.

A voz de Chrysis tornou-se então muito terna.

—Aquele de que eu gostar? E' isso precisamente o que eu tencionava pedir-te. Deixas-me escolher esses tres presentes?

—Com certeza.

—Juras?

—Juro!

—Mas... por que juras tu?

—Pelo que tu quizeres.

—Então jura pela Aphrodite que esculpiste.

—Bem. Juro-o pela Aphrodite. Mas para que é tanta precaução?

—E' porque até aqui eu não estava tranquila. E agora já o estou.

Depois, levantando a cabeço:

—Já escolhi os presentes que me has de dar.

Demetrios pareceu inquieto e perguntou-lhe:

—Já?

—Sim... Pois julgas que eu me contentaria com um espelho qualquer, comprado a um mercador de Smyrna ou a uma cortezã desconhecida? Não! Eu quero o espelho da minha amiga Bacchis que me roubou um amante na semana passada e se atreveu a troçar de mim numa pequena orgia que fez com Tryphéra, Mousarion e algumas outras patetas que me contaram tudo. E' um espelho que ela tem em muita estima porque pertence a Rhodopis, que foi escrava com Æsopo e deveu o seu resgate ao irmão de Sapho. Bem vês que se trata de uma cortezã muito celebre. Esse espelho é magnifico! Conta-se que Sapho costumava mirar-se nêle e é por isso que Bacchis o aprecia tanto. Com efeito ela estima-o como se fôsse a coisa mais preciosa do mundo, mas eu sei aonde tu o podes encontrar porque uma noite em que estava embriagada ela m'o contou. Podes encontral-o debaixo da terceira pedra do altar de Bacchis. Ela põe-no lá todas as tardes quando sáe, ao pôr do sol. Podes ir amanhã a sua casa a essa hora... Não tens nada a recear—Bacchis leva sempre consigo as suas escravas.

—Mas isso é uma loucura!—exclamou Demetrios—Então tu queres que eu vá roubar?

—Nesse caso não me amas! E eu julgava exactamente o contrario. Julgava tambem que tu tinhas jurado ha pouco dar-me o que eu quizesse... Mas, se me enganei, não falemos mais nisso.

Demetrios compreendeu que ela maquinava a sua perdição, mas deixou-se arrastar sem luta, quasi com prazer.

—Farei tudo o que tu quizeres.

—Sim? Estou convencida que has-de fazel-o! Tu começas sempre por hesitar e eu compreendo que seja assim. Aquilo que eu te peço não é um presente banal, não me atreveria a pedi-lo a um filosofo. Mas peço-o a ti. E tenho a certesa que has de dar-m'o.

Depois de estas palavras Chrysis brincou um momento com as penas de pavão do seu leque, e a subitas:

—Ah!... eu tambem não quero um pente vulgar de marfim comprado em qualquer loja da cidade. Tu disseste-me que eu podia escolhel-o, não é verdade? Pois bem... eu quero... quero o pente de marfim cinzelado que brilha nos cabelos da mulher do sumo sacerdote. Acho-o um objecto ainda mais precioso de que o espelho de Rhodopis! Ouvi dizer que êle pertenceu a uma rainha do Egipto que viveu ha muitos seculos, e cujo nome é tão complicado que não sou capaz de o pronunciar. O marfim está já velho e é tão amarelo como se fôsse doirado! O cinzel do artista representou nêle uma donzela que passeia num pantano onde crescem lótus mais altos do que ela—essa donzela caminha nas pontas dos pés para se não molhar... E' realmente um lindo pente!... Ficarei muito contente se m'o deres... Demais tenho algumas pequenas razões de queixa contra a sua actual possuidora. Ainda no mez passado eu ofereci um veu azul a Aphrodite, e vi-o no dia seguinte na cabeça dessa mulher. Isto é um pouco forte, mas deixal-o. O seu pente ha de vingar-me do meu veu!

—Mas como conseguirei eu obte-lo?—perguntou Demetrios.

—Parece-me que ha de ser um pouco dificil. A mulher do sumo-sacerdote é egipcia e, como todas as suas compatriotas, raramente sáe de

casa. Mas eu quero esse pente amanhã, e, se tanto fôr preciso, mata-lhas para o obter! De resto tu jurastes!...

E Chrysis, fazendo um tregeito quasi imperceptivel, fitou Demetrios que tinha os olhos cravados no chão. Depois, rapidamente, acabou assim:

—Já escolhi tambem o colar que ha de ser meu. Quero o colar de perolas com sete voltas que está ao pescoço da Aphrodite.

A indignação de Demetrios explodiu então.

—Ah! E' demais!... não has-de rir-te de mim por mais tempo! E não has de ter nada, ouvistes? absolutamente nada, nem o espelho, nem o pente, nem o colar...

Mas ela pôz-lhe a mão nos labios e redarguiu com a sua voz perturbadora:

—Não digas isso! Tu bem sabes que m'os has de dar! Tenho a certesa de que m'os has de dar. Has de dar-me os meus tres presentes!... Em troca irás amanhã á noite a minha casa, e depois de amanhã tambem, e todas as noites que quizeres. A tua hora, á hora que te apetecer, eu estarei lá, com o traje que tu preferires, preparada segundo o teu gosto, penteada á tua vontade, pronta a todos os teus caprichos. Se quizeres apenas a ternura, amimar-te-hei como a uma creança. Se exigires as voluptuosidades raras, não te recusarei nenhuma, nem mesmo as mais dolorosas. Se preferires o silencio, calar-me-hei. Se gostares que eu cante, verás oh! Bem-Amado! como eu sei canticos de todos os paizes. Sei alguns que são doces como o murmurio das fontes, e outros que são terriveis como o ribombar do trovão. Sei alguns tão ingenuos e tão frescos que uma donzela os cantaria a sua mãe; mas sei outros que se não cantariam em Lampraque, e outros ainda que Elephantis coraria para os aprender e que eu mesma só ouzarei cantar baixinho. Nas noites em que tu quizeres que eu dance, dançarei até ser dia claro. Dançarei vestida com a minha tunica de arrastar, ou com um yéo transparente, ou com calções fendidos e um corpete com rasgaduras para deixar passar os seios. Mas tinha-te porventura prometido dançar nua? Dançarei nua, se gostares mais! Nua, toucada de flores ou nua com os cabelos fluctuantes, pintada como uma imagem divina! Verás como eu sei balançar as mãos, arredondar os braços, alvoroçar os seios, oferecer o ventre, revolver, contorcer os quadris! Verás! Sei dançar erguida nas pontas dos dedos e prostrada sobre os tapetes. Sei todas as danças da Aphrodite—as que se dançam ante a Urania e as que se dançam ante a Astartéa. Sei mesmo algumas que ninguem ousa dançar... Dançar-te-hei todos os amores... E quando tiver acabado, tudo começará! Has de ver! A rainha é mais rica do que eu, mas não tem em todo o seu palacio uma camara tão propicia para o amor como a minha. Nem sequer te digo o que lá encontrarás! Ha lá coisas tão belas que não te posso dar delas uma ideia, e outras tão extranhas que nem eu sei o nome que lhes hei de dar! E depois, ha lá o que quer que seja de maravilhoso, de encantador, que excede tudo o mais. E's capaz de advinhar?... E' Chrysis a quem tu amas e que não conheces ainda! Sim, tu vistes apenas o meu rosto e não sabes quanto eu sou bela! Ah! Ah!... Ah! Ah! Has de ter grandes surprezas... Ah! como tu brincarás com a aureola dos meus seios, como farás vergar a minha cintura no teu braço, como tremerás no estreitamento dos meus joelhos, como desfalecerás sobre o meu corpo excitado! E encontrarás então a minha boca tão doce! Ah! os meus beijos!...

Demetrios fitou-a num olhar desvairado.

Ela continuou com ternura:

—E tu não queres dar-me um velho espelho de prata para teres todo o meu cabelo como uma floresta de oiro nas tuas mãos?

Demetrios quiz tocal-a... Ela recuou e disse:

—Amanhã!

—Dar-to-hei—murmurou ele.

—E não queres obter-me um pequeno pente de marfim que me agrada, quando eu, em compensação, te prometo os meus dois braços, como duas hastes de marfim, em torno do teu pescoço?

Ele tentou acaricial-os... Ela recuou e disse:

—Amanhã!

—Hei de obter-to—disse ele baixinho,

—Ah! bem o sabia!—gritou a corteza—E has de dar-me tambem o colar de sete fiadas de perolas que está ao pescoço da Aphrodite, para eu te vender o meu corpo que é como um nacar entreaberto e te dê mais beijos na bôca do que perolas ha no mar!

Demetrios, suplicante, ergueu para ela a cabeça. E ela teve um grande brilho no olhar e ofereceu-lhe os seus luxuriosos labios.

Quando ele reabriu os olhos, já Chrysis estava longe.

Atraz do seu veu flutuante corria agora uma pequena sombra ainda mais palida.

Demetrios continuou vagarosamente o seu caminho para a cidade, baixando a fronte numa inexprimivel vergonha.

* * *

. . . . . .

—Demetrios!—exclamou ela.

E precipitou-se...

Mas, depois de ter cuidadosamente fechado a porta, o mancebo ficou imovel, tendo no olhar uma tranquilidade tão profunda que Chrysis se sentou gelada.

Esperára um impulso, um movimento dos braços, dos labios, qualquer coisa, uma mão estendida...

Demetrios continuou imovel.

Esperou um momento em silencio, numa correção perfeita, como se quizesse claramente significar que estava disponivel.

Depois, vendo que ela lhe não pedia nada, caminhou até á janela e encostou-se á grade para contemplar o nascer do dia.

Chrysis tinha ido sentar-se no leito muito baixo, com o olhar parado, cheio de assombro.

Então Demetrios começou a falar para si mesmo.

—E' melhor assim—disse êle—Estar a fazer scenas no momento da morte, seria demasiadamente lugubre. Só admiro que ela não tenha tido, desde o principio, o presentimento disto e me tenha acolhido com entusiasmo. Eis uma aventura terminada! Lamento um pouco que ela acabe assim, porque afinal de contas, Chrysis não fez mais do que exprimir francamente uma ambição que a maioria das mulheres oculta. E' mesmo por isso que se não fôsse precisa uma victima para acalmar a indignação do povo, eu me contentava com mandar banir esta rapariga tão excessivamente ardente, livrando-me dela mas deixando-lhe as alegrias da vida. Houve porém um escandalo imenso e ninguem pode abafal-o. São assim os efeitos da paixão. A voluptuosidade inconsciente, ou a sua antitese, a ideia sem gôso, não teem destas funestas consequencias. E' bom ter muitas amantes, mas devemos lembrar-nos, com o auxilio dos deuses, de que todas as bocas se parecem.

Tendo assim resumido, num audacioso aforismo uma das suas teorias morais, Demetrios facilmente recuperou o curso normal dos seus pensamentos.

Recordou-se vagamente de um convite para jantar que tinha aceitado na vespera, mas que tinha esquecido no turbilhão dos esquecimentos e resolveu ir desculpar-se.

Refletiu se devia ou não vender o seu escravo alfaiate, um velho que continuava aferrado ás tradições do corte do reinado anterior e só muito imperfeitamente conseguia fazer as prégas encanudadas das novas tunicas.

Sentia o espirito tão lucido, tão livre, que riscou na parede, com a ponta do cinzel, um esboço para o seu grupo *Zagreus e os Titans*, numa variante que modificava o movimento do braço direito da principal personagem.

Quando acabava esse esboço, bateram docemente á porta.

Demetrios foi, vagarosamente, abrir.

O velho executor entrou seguido de dois hoplitas cobertos com o elmo.

—Venho trazer a taçasinha—disse ele, com um sorriso obsequioso dirigido ao amante da rainha.

Demetrios continuou em silencio.

No seu desvario, Chrysis ergueu a cabeça.

—Vamos, minha filha—continuou o carcereiro—E' a hora. A cicuta está bem desfeita. E' só bebê-la! Não tenhas mêdo. Não se sofre nada.

Chrysis fitou Demetrios que não desviou os olhos dos dela.

Depois, fixando sempre nele as suas grandes pupilas negras cercadas de luz verde, estendeu o braço, tomou a taça e levou-a lentamente á boca.

Humedeceu os labios. O amargor do veneno e as horriveis dôres do envenenamento tinham sido atenuados por um narcotico que sabia a mel.

Chrysis bebeu metade da taça, depois, ou porque se lembrasse de ver esse gesto teatral no Thyestés de Agathon ou porque realmente ele resultasse de um sentimento expontaneo nela, estendeu-a a Demetrios...

Mas o mancebo declinou com a mão essa proposta indiscreta.

Então a condenada engoliu toda a beberagem até ao polme verde que ficára no fundo da taça. E passou-lhe na face um sorriso pungente em que havia um pouco de despreso.

—O que eide fazer?—perguntou ela ao carcereiro.

—Passeia pelo quarto, minha filha, até que sintas as pernas pesadas. Depois deves deitar-te de costas e o veneno actuará sosinho.

Chrysis foi até á janela, apoiou a mão no muro, a testa na mão, e lançou para a aurora ainda cor de violeta um derradeiro olhar da sua mocidade perdida.

O oriente parecia um lago colorido. Uma longa facha, livida como um lençol de agua, envolvia o horisonte num cinto cor de aço. Acima dessa facha, uma variedades de tintas nascidas umas das outras, em toalhas liquidas do ceu glauco, irizado, ou lilaz, fundiam-se insensivelmente no azul carregado de zenite. Depois, esses andares de nuanças, deslocaram-se, uma linha doiro apareceu, subiu, alargou-se, um tenue fio de purpura iluminou essa aurora morosa—e, numa onda de sangue apareceu.

—Está escrito!

A luz é doce...

Chrysis ficou assim, de pé, emquanto as pernas puderam sustentala. Os hoplitas transportaram-na para o leito quando ela lhes fez sinal que ia caír.

O carcereiro dispôs então as prégas brancas da sua saia ao longo do corpo estendido. Depois tocou-lhe nos pés e perguntou-lhe:

—Sentiste?

Ela respondeu:

—Não.

Ele tocou-lhe nos joelhos e perguntou-lhe:

—Sentiste?

Ela fez sinal que não; e, subitamente, numa movimento da boca e dos hombros—porque as suas mãos estavam mortas—agitada de um ardor supremo, lamentando talvês aquela hora esteril, ergueu-se para Demetries...

Mas, antes que ele tivesse podido responder, recaín sem vida, com os olhos extintos para sempre.

Então o executor puxou para o rosto da morta as pregas superiores do vestido; e um dos soldados, supondo que um passado mais terno tinha reunido out'rora o mancebo e a morta, cortou com a ponta da espada o ultimo anel da cabeteira de Crysis, caida até ás lages.

Demetrios tocou esse anel com a mão—e na verdade ele era Chrysis inteira e o oiro sobrevivente da sua beleza, e a propria rasão do seu nome...

Depois tomou a madeixa ainda tepida entre o polegar e os dedôs, deixou-a caír. dispersou-a lentamente, a pouco e pouco, e, sob a sola da sua sandalia, misturou-a no pó.

* * *

. . . . . .

O mancebo entrou em silencio, seguiu ao longo do corredor, subiu alguns degrans e penetrou no quarto da morta onde se fechou cuidadosamente.

O cadaver estava estendido com a cabeça baixa, coberta por um veu, as mãos espalmadas, os pés unidos. Os dedos estavam ainda carregados de aneis, duas serpentes de prata enroscavam-se nos tornozelos palidos e as unhas dos pés viam-se ainda vermelhas de pó.

Demetrios deitou a mão ao véo para o erguer; mas logo uma duzia de moscas rapidas fugiram do rosto da morta.

O mancebo sentiu um tremor. Contudo afastou o tecido de lã branca e enrolou-o em torno dos cabelos.

O rosto de Chrysis tomara a pouco e pouco essa expressão eterna que a morte dá ás palpebras e aos cabelos dos cadaveres. Na brancura livida das faces, algumas peqneninas veias azuladas davam á cabeça imovel uma aparencia de marmore frio. As narinas diafanas abriam-se por cima dos labios finos, a fragilidade das orelha tinha qualquer coisa de imaterial.

Nunca, em nenhuma luz, nem seqner na do seu sonho, Demetrios tinha visto essa beleza mais que humana e esse irradiar da pele a extinguir-se.

*

E lembrando-lhe então as palavras ditas por Chrysis durante a sua primeira entrevista:

—«Tu conheces apenas o meu rosto. Não sabes quanto eu sou bela!

Uma emoção intensa sufoca-o. Quer conhecê-la emfim.

Dos seus tres dias de paixão quer guardar uma lembrança que durará mais do que ele mesmo—desnudar o admiravel corpo, dispô-lo como modelo na atitude violenta em que o tinha visto em sonho, e crear, arrancar do cadaver a estatua da Vida Imortal.

Desprende o colchete, desfaz o nó. Entreabre o vestido. O corpo pesa. Ergue-o. A cabeça tomba para tráz. Os braços cáem. Arranca o vestido por completo e arremessa-o ao meio do quarto. O corpo recáe pesadamente.

Com as mãos sob as axilas frias. Demetrios faz subir o cadaver até ao espaldar do leito. Volta-lhe a cabeça sobre a face esquerda, reune e espalha o cabelo esplendido sob as costas reclinadas. Depois levanta-lhe o braço direito, dobra-lhe o antebraço por cima da fronte e faz-lhe crispar os dedos ainda frouxos sobre o estofo do travesseiro. Duas linhas musculares admiraveis, descendo da orelha e do cotovêlo, voem unir-se junto do seio direito e erguê-lo como um fruto.

Dispõe então as pernas, uma estendida rigidameute de lado, a outra com o joelho erguido e o calcanhar tocando quasi a virilha. Rectifica alguns pormenores, verga a cintura para a esquerda, assenta o pé direito e tira os braceletes, os colares e os aneis para que nenhuma discordancia perturbe a harmonia pura e completa da nudez feminina.

O modelo está pronto.

Demetrios arremessa para a mesa o pedaço de argila humida trazido pelos escravos. Aperta-a, amaça-a, estende-a segundo a forma humana: uma especie de monstro barbaro nasce dos dedos ardentes—contempla a morta.

O cadaver conserva a sua posição aproximada. Mas um debil fio de sangue sai da narina, corre por sobre o labio e cai, gota a gota, ao longo da boca entreaberta.

Demetrios continúa.

O esboço anima-se, precisa-se, toma vida. Um prodigioso braço esquerdo arredonda-se por cima do corpo como se estreitasse alguem. Os musculos da côxa acuzam-se violentamente. Os dedos dos pés divindem-se.

*

. . . Quando a noite subiu da terra e obscureceu a masmorra, Demetrios tinha acabado o esboço.

Quatro escravos levaram-no para o seu atelier.

Nessa mesma noite, ao clarão das lampadas, fez desbastar um bloco de Paros e um ano depois desse dia trabalhava ainda no marmore.

Noticias várias

A Espanha envia cada ano ao Papa: das cumunidades religiosas 2:700 contos; donativos particulares 500 contos; dispensas matrimoniais 800 contos; outras dispensas, graças, privilegios e titulos 700 contos; renda de prebendas e mitra 200 contos; tributo de 50 dioceses 500 contos; subvenção da monarquia para uma missa, 20 contos; peregrinações Montsserrat, 80 contos. Total, 5.500 contos.

A seita parasitaria das religiões suga á terra a sua seiva, não produzindo coisa alguma.

As orações foram noutro tempo um balsamo. E agora não servem para nada, porque o espirito positivista do livre exame sopra a emancipação dos homes, que já não vão na «fita» das crendices.

Os dogmas estão bolorentos, e resuscitar coisas mortais seria voltarmos para traz, em vez de irmos para diante.

Nem mais nem menos.

Diz um telegrama de New-York que, em Salem, como um hospital necessitasse urgentemente de 50 mil francos, seis jovens muito formosas resolveram consentir em que as beijassem, vendendo cada beijo por um dolar, reunindo em duas horas aquela quantia.

Deve ser um espetaculo curioso, este das beijocas a preço. Labios rubros, trementes, colando-se afogueados, emquanto o pensamento vai desnudando os corpos, e os olhos, arregalados e imoveis, despedem chispas penetrantes, electrisadas, sob o imperio duma alucinação erotica... Depois... a moeda na bandeja e uma ocarinada p'rá desdespedida!

Cansoada

E' um verdadeiro enxame.

Por todas as ruas os cães vagueiam livremente sem haver quem repare se eles andam açaimados ou trazem coleira.

E' um continuo sobresalto com receio de ver-mos as canelas esfaceladas.

Pedem-se providencias para que a sua extinção não se faça esperar.

Carbonarios, sim! Sicarios, não!

E' do bi-semanario brazileiro *Portugal Moderno*, o artigo que a seguir publicamos:

«E' costume, vicio, ou antes, grande rônha dos inimigos de Portugal republicano, quer sejam os nescios ou rancorosos realistas portuguêses na sua evidencia grotesca de mandões, ou na subalternidade humilhante de mandados; quer sejam aqueles jornaes monarquicos e jesuiticos do Brazil que, por ípocrisia, se apresentam como republicanos, sendo no emtanto infensos ao regimen do seu paiz,—é rônha, vicio ou costume, repetimos, darem a denominação de *carbonarios*, e num sentido depreciativo e injurioso, a todos os portugueses que, na sua patria, ou fóro d'ela, sabem defender como ninguem, com a maior abnegação e com o maior vigor na luta, pela palavra, pela tribuna e pelas armas, em qualquer emergencia, a honra impoluta, a gloria inexcedivel do seu país, o prestigio inegualavel das suas actuaes instituições politicas.

E' vêr, quando alguma noticia é transmitida de lá para o Brazil, de haver sido praticado qualquer crime de caracter comum, dentro ou fóra do paiz, cujo autor tenha sido um português; crime de roubo, de assassinato, de incendio, de agressões, etc., etc.; é vêr como para logo, sem mais tardança, algumas das de cá, gazetas cariocas se engrifam todas, dando conta do grave caso, com titulos e sub-titulos em gordos caractéres, afeiando-o, elevando-o a proporções tragicas, revestindo-o de circunstancias pavorosas, de negras abominações, de crueldades inenarraveis, de ecatombes tetérrimas, atribuindo-o assim, com todo este cortejo de horrores, sabem a quem? Aos «danados» *carbonarios* portuguêses!

Não é precisa grande cópia de argumentos para se demonstrar que tal gente e tal imprensa merece a classificação que já por vezes lhes temos dado nestas colunas, sem que o afirmado conceito nosso tenha tido a menor repulsa ou contestação! E' bater em gente morta... morta, pelo menos, nos sentimentos e na dignidade!

Ora tal gente e tal imprensa temo-las simplesmente considerado, como continuamos a considera-las, gente e imprensa revoltantemente perversas, ou deploravelmente imbecis, quando não lhes caibam simultaneamente ambos os qualificativos, por igual bem pouco lisonjeiros.

Deve efectivamente haver, de entre esses que assim procedem, alguns que não ignorem que, ser carbonario em Portugal, ou em qualquer parte do mundo, por exemplo na Italia, onde o carbonarismo teve inicio, não é ser assassino, incendiario ou ladrão. Hade haver quem saiba que, ao contrario, ser carbonario é ser um patriota puro, abnegado e devotado, até ao sacrificio da propria vida, pela salvação e felicidade do seu paiz natal;—em Italia batalhando pela unificação da patria; em Portugal redimindo-o pela Republica!

Os *fenianos* irlandezes não eram e não são ainda hoje, mais do que verdadeiros carbonarios, que teem tentado sem desfalecimentos, sempre esperançados, apesar dos morticinios com que teem sido dizimados pelos governos da livre Inglaterra, na independencia da sua querida Irlanda, a sua verde Erin!

Ha quem saiba dentre esses realistas e essa imprensa de furtacôres, que os modernos carbonarios portuguêses, nada mais são do que os sucessores d'aqueles *pedreiros-livres* que puzeram na juvenil cabeça de Maria II, a bisavó do atual ex-rei Manuel, a corôa de Portugal! Aos que se sacrificaram pela monarquia constitucional que *estoirou* em 5 de outubro, chamavam *pedreiros-livres* os partidarios do outro ramo da dinastia dos Braganças, que D. Miguel representava e que hoje estão de braço dado para reconquistarem o seu morgadio de Portugal. A esses antigos *carbonarios* que pugnavam pela liberdade, alcunhavam os defensores do absolutismo, tambem de malhados, de *maçons*, ateus, impios, filhos de Satanaz, tal qual os partidarios desse mesmo constitucionalismo, chamam hoje aos patriotas puros, os mais dedicados defensores da Republica.

De toda a parte choviam insultos, perseguições e afrontas contra os *pedreiros-livres*. Os furibundos padres José Agostinho de Macedo e frei João de São Boaventura, prégavam e aconselhavam a forca e fôgueira contra os malditos *maçons*. Havia cantigas e ínos preconisando a sua destruição. Um tal J. J. P. S. de Villa Viçosa, fez um híno feroz como se póde avaliar pelas seguintes quadras:

Rebenta mação,
Remoe liberal
Libre é Portugal
Da Constituição

Infames, esperai,
Não fica isto assim;
Canalha ruím
Nas trevas entrai.

O reino expurgado
Será dos pedreiros
Que tinham, matreiros,
O povo enganado.

A *Gazeta Oficial*, da epoca, publicou estes versos tambem *primorosos*, contra a maçonaria:

Abram-se essas lojas,
Chaminés do inferno,
Da lusa piedade
Escandalo eterno.

Veja o mundo trolhas
E mitras feitiças,
Luvas, aventais
E barbas postiças.

Saiba o mundo os nomes
Dessa raça impia
Que plantar tentaram
A Democracia.

Seria um nunca acabar nesta transcrição de baboseiras.

Ora, isto, basta para se verificar que aquilo que hoje os realistas constitucionais, com os seus jornais assalariados, dizem dos carbonarios, diziam antigamente d'eles os absolutistas, agora congraçados e amigos do peito.

Nem os carbonarios d'então, que fizeram a monarquia constitucional, a qual durou até D. Manuel, eram bandidos, como hoje o não são tambem os que, em 5 de outubro, fizeram a Republica e a defendem com abnegação, coragem, honradez e desinteresse.

Efectivamente não podem ser considerados carbonarios os que difamam Portugal, patria sua ou de seus avós.

Esses não são carbonarios.

Esses são sicarios!

Teremos ocasião de o evidenciar.

Apesar de que os factos se teem encarregado de o ir demonstrando...»

REGISTO CIVIL

O movimento durante o mez de agosto na conservatoria do Registo Civil de Aveiro, foi o seguinte:

Casamentos	24
Nascimentos	63
Obitos	37

LEIAM O

Almanaque d'A LIBERDADE

NUMEROS

O estado da divida flutuante

Quanto tem diminuido no estrangeiro

O *Diario do Governo* publicou em apendice a nota da divida flutuante, referida a 30 de junho ultimo. Mostra a nota que a divida no estrangeiro tem feito a seguinte carreira:

	Contos
Em 30 de junho de 1910	11:651
» » » » » 1911	11:660
» » » » » 1912	11:363
Em 31 de deze.º de 1912	7:625
Em 30 de junho de 1913	3:980

Quer dizer que a divida flutuante no estrangeiro—a que mais devia preocupar o país—foi diminuida em **7:671 contos.** Em seis mêses de gerencia do atual governo, a diminuição foi de **3:645 contos.**

Da divida no país aumentou a conta dos bilhetes do tesouro—o que representa credito. O movimento foi este, demonstrando uma natural baixa após a proclamação da Republica:

	Contos
Junho de 1910	32:278
» » 1911	26:488
» » 1912	29:310
Dezembro de 1912	31:345
Junho de 1913	33:827

Quer dizer que, a despeito da redução dos juros, a conta dos bilhetes do tesouro não só já atingiu a importancia em que estava antes da Republica como a excedeu em **1:549 contos.**

Subiu ainda mais acentuadamente a conta da Caixa Geral dos Depositos, que é indicio de confiança publica. Dizem os numeros:

	Contos	
Junho de 1910 .	5:948	»
» » 1911 .	3:326	»
» » 1912 .	3:576	»
Dezembro de 1912 .	5:372	»
Junho de 1913 .	8:238	»

Diminuiu, como se vê, a conta após a proclamação da Republica em mais de dois mil e quinhentos contos. Mas não só atingiu depois a cifra anterior como a excedeu em **2:290 contos.**

Em compensação, depois de aumentar, diminuiu a conta corrente do Banco de Portugal:

	Contos	
Junho de 1910 .	25:632	»
» » 1911 .	26:286	»
» » 1912 .	25:382	»
Dezembro de 1912 .	26:289	»
Junho de 1913 .	23:612	»

Quer dizer que a divida do tesouro no Banco de Portugal diminuiu no regimen da Republica **2:020 contos** e **2:677 contos** na vigencia do atual governo.

Eis o que dizem os numeros na sua singela eloquencia, respondendo com nobre altivês aos escribas financeiros, arte nova, que pretendem criticar a obra do governo.

* * *

E' do nosso presado colega *O Mundo* a nota que damos acima, a qual responde eloquentemente aos que aí a esperavam para avaliar da veracidade e valor da nota ultimamente apresentada pelo sr. Ministro das Finanças.

Que mais inventarão agora?

Falta de milho

O sr. governador civil de Aveiro oficiou ao sr. director geral da agricultura que tendo a camara municipal feito sentir a necessidade de abastecer os mercados de milho para panificação, pediu, mais a concessão de 100:000 kilogramas de aquele cereal, visto ter-se já consumido a primeira remessa e a presente colheita se julgar insuficiente para as necessidades do consumo da população do concelho.

FESTAS

E' nos proximos dias 13, 14 e 15, sabado, domingo e segunda, que na forma dos outros anos se realisa em Verdemilho e na vasta quinta de que é proprietaria a familia Tavares Lebre, a antiga e concorrida romaria da Senhora das Dores.

No sabado ha musicas, iluminação, fogo de artificio, preso e genuino de Viana, do afamado pirotecnico sr. José de Castro e tambem de um dos melhores pirotecnicos de Aveiro. No domingo muzica e arraial. Na segunda-feira continuam as festas, havendo muzica, corridas, mastro da coucanha etc., etc., etc.

Por motivo destas festas a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses estabelecerá um serviço especial de comboios entre Aveiro e Estarreja, para regresso de passageiros que vão assistir ás festas, e para os quais são validos os bilhetes das tarifas n.º 3 de grande velocidade.

=†=

Realisou-se no domingo e na segunda-feira ultima a festa do S. Paio na praia da Torreira. Na fórma do costume, milhares e milhares de pessôas ali estiveram, em franca alegria entre descantes, toques de violas, jogando as delicias da agradavel estancia balnear.

=†=

Nos dias 6, 7 e 8 do corrente, como tivemos ocasião de noticiar, realisaram-se, sem notas discordantes a registar-se, as festas á Senhora das Febres, em Aveiro; S. Simão, na Quintã do Loureiro; S. Paio, na Torreira; Senhora da Saude, em Arada e Senhora dos Anjos, em Vagos.

ESCOLA DE REPETIÇÃO

O regimento de cavalaria 8, que no principio do mez tinha saído para os exercicios da escola de repetição, regressou ao seu quartel, nesta cidade, na manhã do dia 7.

Na proxima segunda-feira sae o regimento de infanteria 24, na sua força maxima, para os mesmos exercicios, devendo estar de regresso no dia 21.

Notas pessoais

Esteve na nossa redação o sr. Padre Joaquim Tavares Xavier, de Requeixo.

-+- No proximo dia 17 passa o aniversario do sr. João da Maia Romão, professor jubilado,

-+- Encontra-se na Costa Nova o sr. Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa, professor do liceu desta cidade.

-+- Foi promovido a sub-inspector e colocado em Lisboa, o sr. Joaquim Pereira de Albuquerque, que por alguns anos aqui foi o chefe da estação dos caminhos de ferro.

-+- Na praia de S. Jacinto está o sr. Albano Pinheiro, escrivão notario desta cidade.

-+- De visita a sua familia tem estado em Aveiro, acompanhado de sua esposa, o sr. capitão Maia Magalhães.

-+- Está na Costa Nova o sr. Silverio da Rocha e Cunha, acompanhado de sua familia.

-+- Visitou a nossa tipografia o sr. Francisco R. Santiago, empregado da Fabrica da Vista-Alegre.

-+- Vindo da Costa Nova, onde tem estado a veranear, passou na terça-feira aqui em direcção a Avellans de Caminho, o sr. Eugenio Rangel.

-+- Para Vila do Conde e Alges, depois de curta demora na sua casa da Barca (Angeja), partiram com suas ex.mas familias, os srs. drs. Antonio e Ricardo Nogueira Souto.

-+- Foi nomeado sub-delegado do Procurador da Republica nesta comarca, o sr. dr. Alfredo da Cruz Nordeste, nosso conterraneo.

-+- De visita ao sr. Manuel Maria Amador, estiveram em Alquerubim o sr. Julio Amador e sua esposa a sr.ª D. Maria do Loreto de Albuquerque Castelo Branco Amador.

-+- Em goso de ferias e de visita aos seus, tem estado em Aveiro o sr. dr. Henrique da Rocha Pinto e sua esposa.

-+- Com sua esposa, seguiu para a sua casa de Verride, o sr. dr. José Elisio da Gama Regalão, juiz de direito n'esta comarca.

-+- Tem estado doente, o sr. Arnaldo Guimarães, administrador da fabrica de Vale Maior.

Pela imprensa

Recebemos a visita dum novo colega que se publica em Macieira de Cambra, e se intitula—*O Povo de Cambra.*

=†=

Temos recebido com muita irregularidade os nossos colegas *O Povo de Santa Clara* e *O Revolucionario.*

=†=

Acabamos de receber o 1.º numero da *Revista Automobilista Portuguêsa*, revista ilustrada, dedicada a todos os assuntos sportivos, mas com especialidade ao automobilismo.

Na sua capa insere o retrato do venerando chefe do Estado, sr. dr. Manuel de Arriaga.

=†=

A Voz da Justiça é um bi-semanario republicano que ha 12 anos se publica na Figueira da Foz, lutando sempre por este ideal redentor que ora nos rege.

D'aqui saudamos o presado colega pela visita que hoje nos fez.

Declaração

A proposito duma noticia publicada em jornais da capital, o nosso correligionario e ilustre senador, sr. dr. Antão de Carvalho, fez publicar a seguinte declaração:

A *Luta* e o *Seculo* trouxeram-me a noticia da minha retirada da *vida activa da politica*, acrescentando aquele primeiro jornal que «transfiro» a minha residencia para uma aprasivel quinta que possuo no concelho de Baião» e que me fica substituindo na chefia do Partido o sr. Padre Jeronimo de Matos, digno Inspector Escolar do Circulo.

Dos leitores dos dois importantes jornais eu sou, seguramente, o mais surpreendido.

A noticia é tendenciosa e absolutamente falsa. Oponho-lhe o desmentido mais completo e formal.

Nenhuma divergencia tendo havido entre mim e o Directorio do Partido, com o qual mantenho as mais perfeitas relações oficiais, sustentando com o ilustre Presidente do Ministerio inteira conformidade de principios politicos e administrativos e inalteravel estima e admiração pessoal escudada numa amisade de vinte e cinco anos, nunca desmentida, inexplicavel seria que eu deixasse de prestar ao meu Partido o esforço invalioso de soldado obscuro, mas leal e dedicado.

E' certo que mais de vinte anos de serviço activo nos postos em que o combate se feriu vivo e exigente de sacrificios, me dão direito a uma reforma bem ganha e honrosa.

Mas não me atrevia a pedi-la nesta hora que é ainda de luta e abnegação. De resto tenho de mostrar que não foi perniciosa a minha orientação politica, que o nosso Partido no sul do distrito, forte e disciplinado, tem elementos indestrutiveis de *vida independente* e que a sua organisação, representando uma verdadeira força republicana, *pode servir de exemplo* e é motivo de orgulho para todos nós.

Por fim:

Ainda que pese a certos especuladores politicos, cuja falta de escrupulos é sobejamente conhecida e para os quais o meu despreso é cada dia mais soberano, *onde estou sempre estive*, não ha calunia, vilania ou intriga que me afaste do meu caminho traçado e seguido indefectivelmente.

O Partido Republicano local não tem chefe, é dirigido pela sua Comissão Politica, da qual é presidente o meu querido amigo Padre Jeronimo de Matos, que ha muitos mezes desempenha as elevadas funções do seu cargo, com competencia e dedicação inexcediveis.

Antão de Carvalho.

Ramal de S. Roque

Continua a não se saber quando será inaugurado o ramal do caminho de ferro de S. Roque. Temos á porta o inverno, e se o trafego do sal se continuar a fazer em carros de bois, como até agora, pela estrada do Americano, que não sofreu ainda o minimo reparo, o gado dificilmente poderá ali trabalhar, tão fundos são os precipicios que cortam aquella estrada.

Urge, pois, que a Companhia dos Caminhos de Ferro ponha á exploração o ramal de S. Roque, no mais curto praso de tempo.

Vindimas

Fala-se já na Bairrada em começar no dia 16 com as vindimas, dizendo-se que a colheita será deminuta em virtude do tempo estival que tem feito.

No entanto, em algumas terras onde caíu chuva, esta muito as deve ter beneficiado.

Na região Duriense diz-se tambem que as vindimas terão começo no dia 20, e que apesar de a quantidade ser menor, a qualidade deve ser superior.

Pipas uzadas VENDEM-SE a preços baratos.
Praça Luiz Cipriano, 5-B.

Necrologia

Faleceu na segunda-feira á noite, na sua casa desta cidade, o sr. João dos Santos Silva, capitão da marinha mercante.

Ha muito que residia em Lisboa, mas sentindo-se adoentado tinha vindo ha pouco para Aveiro, onde morreu.

Republicano convicto era estimado por correligionarios e por todos os aveirenses que muito o consideravam.

Esmoler, os pobres perdem n'ele um bemfeitor que continuamente os favorecia.

O seu funeral, que se realisou na terça-feira á tarde, foi civil, e o corpo foi condusido numa carreta dos bombeiros voluntarios, coberto com a bandeira desta associação. De casa para o cemiterio formaram-se tres turnos que pegaram ás borlas do caixão.

Sobre o feretro foram depostas duas corôas: uma de sua esposa, e outra de seu primo Maximo Henriques d'Oliveira.

Deixou testamento, legando ao seu parente e procurador Maximo Henriques d'Oliveira, como remuneração, 1.000:000 réis; para o novo hospital em construção na Senhora d'Ajuda, deixou 500:000 réis; ao Centro Escolar Republicano de Aveiro, 300:000 réis; para a caixa dos socorros dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro, 300:000 réis; á Associação do Monte Pio, 300:000 réis; a cada uma de suas afilhadas, 50:000 réis; para cem pobres das duas freguezias da cidade, 100:000 réis; aos seus testamenteiros, que são os srs. Manuel Maria Moreira e Manuel Augusto, como remuneração, 300$ réis a cada um. O restante da sua fortuna será dividida em tres partes, sendo uma para a Misericordia de Aveiro, e as outras duas divididas irmãmente por Maximo Henriques d'Oliveira; sua filha; sua mãe, suas 3 irmãs: Conceição, Sára e Amandina; Luiza Saraiva, Nazaré Saraiva; uma parente de Ovar; Antonio Henriques Maximo Junior, as duas mudas filhas de Domingos Guimarães e Josefa Moreira.

O cadaver ficou depositado no seu jazigo.

A toda a familia enlutada envia «A Liberdade» o seu cartão de condolencias.

Artigo

O que hoje publicamos em fundo, pertence ao nosso colega *O Seculo.*

Glob-trotters

Chegaram aqui no dia 6, os srs. José Maria Pereira, aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Amilcar Ferreira Breia, tambem estudante, e que se propõem dar a volta ao mundo, a pé, sem dinheiro, tendo como recurso a venda de bilhetes postaes com os seus retratos.

Trazem cartas de recomendação das sociedades de Geografia e Propaganda de Portugal.

Visitaram a nossa redacção, escrevendo o nosso director, no seu livro itinerario algumas palavras.

Aqueles senhores saíram ontem desta cidade em direcção a Espinho e Porto. Tencionam tambem visitar a provincia de traz-os-Montes.

A sua viagem não tem tempo fixo pois tencionam visitar as cidades e vilas onde hajam monumentos e obras de arte a admirar.

Associação dos Bombeiros "Guilherme Gomes Fernandes,,

Esta humanitaria associação de bombeiros de Aveiro, que tão desamparada de auxilio se tem visto, lutando só por si para se elevar á altura das suas congeneres, e ainda com pouco material, acaba, finalmente, de adquirir uma bomba que deve aqui chegar por todo o mez de outubro.

Fica assim esta cidade com duas companhias de salvação publica, prontas a prestarem os seus serviços em caso de incendios.

O Almanaque de «A Liberdade» custa apenas 300 réis.

Feio Terenas

Esteve nesta cidade de passagem, vindo do Porto, o senador e velho republicano sr. Feio Terenas, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

Oliveira de Azemeis

Pinheiro da Bemposta, 7

Nesta epoca em que tudo foge para as praias e por consequencia o assunto falha, temos que nos servir do primeiro pretexto que se nos depare para rabiscar duas linhas. Aparece-nos agora um, fresquinho e que tem sua graça.

Um presente de nupcias a D. Manuel, dos *talassas* daqui? Não. O padre cá da terra elevado á dignidade de cardeal? Tambem não. E' um caso bem simples e se bem que não tivesse sido passado intra-muros não deixa de merecer a sua publicidade, neste lugar, unica e simplesmente para se avaliar do que se serve a reacção para atacar alguem que não vogando apenas nas suas aguas a ataca tambem nos seus processos.

Vamos contar o caso.

Num jornal de Azemeis deparou-se-nos uma local em que se noticiava que um grande benemerito do parque de *La-Salete* tinha oficiado ao presidente da Comissão Patriotica, daquela vila, dizendo que deixava de contribuir para o referido parque, porque um outro jornal que em Oliveira se publica tinha escrito um artigo doutrinario em que se atacava a religião e ofendia a dignidade dos crentes. Nem mais nem menos. Se é verdade esta noticia ela vem dizer-nos que o benemerito em questão andou ás ordens da malta reaccionaria no que mostra ser um espirito fraco a menos que não tenhamos de lhe chamar outro nome. Em qualquer dos casos a reacção a manobrar, porque isto revela um ataque directo ao jornal que *feriu* o serafico benemerito. E estamos em crer que o benemerito que teve o pueril pretexto de fechar os cordões á bolsa para uma obra que não é exclusivo de ninguem, lá porque um jornal que nenhuma ligação tem nem com a Comissão Patriotica, nem com a Santa, tambem por coerencia, não deve ir ao Porto e quando fôr não entrar no Palacio de Cristal ou outro estabelecimento onde se pagam entradas para obras e melhoramentos, porque naquela cidade um estupido qualquer se lembrou de registar um cão com o nome de Jesus Cristo.

Não nos alongaremos mais com a exposição deste caso. Ele é em tudo, muito pequeno e se nos ocupamos dele foi para que os leitores de *A Liberdade*, que são liberais, apreciassem um novo processo de ataque por parte dos ultramontanos.—*X.*

Estarreja

Salreu, 8

Ha quasi um mez que aqui se realisou, a festividade á Senhora do Monte, como a *Liberdade* noticiou.

Tudo correu na melhor ordem. A comissão empregou todos os seus esforços para que a festa revestisse o maior brilhantismo, vendo-os coroados de bom exito. Tomaram parte as bandas do Soqueiro e de S. Tiago de Riba-Ul que se portaram maravilhosamente; o fogo era magnifico, e muito mais agradaria se o tempo não obstasse a que se atirasse o fogo de Viana do Castelo, o que sucedeu depois no domingo seguinte.

Emfim tudo bom. Foi uma das melhores festas que aqui se tem reasado.

Ha porem a excetuar uma coisa: a ilumina;ão do sr. José Maria Paulino, dessa cidade, que desagradou imenso.—*C.*

CONTRA-MESTRE DE ALFAIATE

Precisa-se um que esteja habilitado.

Ordenado o que se combinar. Tanto pode ser a mez, cama e mesa, como a dia, a seco.

Ha urgencia.

Dirigir-se a Abel Guedes de Pinho & C.ª—OVAR.

COMPRAI
O Almanaque da Liberdade

ANUNCIO

Serviços florestaes

2.ª ZONA FLORESTAL

PELO presente se anuncia, que no dia 22 de Setembro corrente, pela 1 hora da tarde, na Secretaria da 2.ª zona florestal, no edificio do Governo Civil de Aveiro, perante o Engenheiro Silvicultor Chefe da 1.ª secção florestal, se receberão propostas verbaes para o fornecimento de 60 duzias de taboas para ripado, postas na margem da ria adjacente á sementeira das dunas de S. Jacinto, sendo a base de licitação

95 centavos por cada duzia

As condições e encargos d'arrematação acham-se patentes no atrio do edificio do Governo Civil de Aveiro, todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã até ás 15.

Lisboa, Direcção dos Serviços Florestaes, 1 de Setembro de 1913.

O Director dos Serviços Florestaes,

(a) *Pedro Roberto da Cunha e Silva.*

ANUNCIO

Serviços florestaes

2.ª ZONA FLORESTAL

FAZ-SE publico pelo presente, que no dia 22 de Setembro corrente, pela 1 hora da tarde, na Secretaria da 2.ª zona florestal, no edificio do Governo Civil de Aveiro, perante o Engenheiro Silvicultor Chefe da 1.ª secção florestal, se receberão propostas verbaes para o fornecimento de 1:200 a 1:500 carradas de mato de cem feixes cada uma, postas na margem da ria, junto á ponte de Ilhavo e com destino á sementeira das dunas da Gafanha. A base de licitação será de

1 escudo por cada carrada

As condições e encargos d'arrematação acham-se patentes no atrio do edificio do Governo Civil de Aveiro, todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã até ás 15.

Lisboa, Direcção dos Serviços Florestaes, 1 de Setembro de 1913.

O Director dos Serviços Florestaes,

(a) *Pedro Roberto da Cunha e Silva.*

Colegio Aveirense

(Fundado em 1873)

Lista dos alunos aprovados no ano lectivo de 1912 a 1913

Instrução primária

1.º grau

Amândio Marques Pinto Faca
António Gomes Teixeira
Armando Nobre Matans
Carlos Júlio Faria de Melo Ferreira Duarte
Diogo Vaz Couceiro da Costa
Elias Gamelas de Oliveira Pinto
Francisco da Maia Romão Machado **(distinto)**
Francisco Soares da Costa Gois
João Pinto de Barros Miranda
José Nogueira da Costa Branco
Júlio Nunes de Freitas Assis
Manuel Mendes Leite Morais Machado
Sílvio Ramalheira **(distinto)**
Vitorino Augusto Sobral

2.º grau

Adolfo Geraldes
Domingos Marques da Silva
Fernando Pereira de Miranda
José Alves Seabra
Júlio Dias Gomes Pôna
Manuel Homem Carvalho Cristo
Sílvio Ramalheira (**distinto**)

Instrução secundária

Curso geral dos liceus

Exames da 1.ª secção

(3.ª CLASSE)

Agostinho António Leite
Alberto Augusto de Figueiredo Vidal
António de Carvalho Rodrigues Pereira
Augusto Marques da Cruz *
Fernando Manuel Homem Cristo
Jaime Ribeiro Sucena *
José Vicente Ferreira *
Manuel Firmino Regala de Vilhena
Mário Correia Teles de Araujo e Albuquerque (**distinto**)
Rui Jorge Couceiro da Costa

Passagem da 1.ª classe

Abel Augusto Gomes de Almeida
António Alberto Dias e Costa
António Luiz Morais da Cunha
Armando de Albuquerque Miranda
Arnaldo Francisco Pereira
Ascenção da Silva Rocha
Bartolomeu Marques Dias
Élio da Rocha Marques da Cunha
Eugénio Rodrigues Souto
João de Oliveira Barbosa
José Ferreira Tavares Vidal
José Joia Noronha
José Luiz da Cunha Barros
José Maria Dias Pereira
Manuel António Rodrigues
Manuel de Sousa Torres
Mário António Ferreira de Aguiar
Mário Rodrigues Cerveira
Raimundo Ferreira de Oliveira Lopes

Passagem da 2.ª classe

Alfredo dos Santos
Américo Gomes de Andrade e Oliveira
António de Sá Marta Marques da Costa
Carlos Pinho da Cruz
Francisco Albano de Melo
Francisco da Maia e Moura
Henrique Ernesto Ferrão
José Brás Alves
José Domingues Cravo
José Rodrigues Seabra
Júlio Estêvão de Castro Vidal
Mário da Costa Quinta Ferreira
Mário Faria de Melo Ferreira Duarte

Passagem da 4.ª classe

Custódio Augusto Correia de Bastos
Francisco de Assis Ferreira da Maia
João Ferreira de Macedo
José Mendes da Rocha Zagalo
José de Oliveira Barreto

Os alunos de instrução secundária frequentaram no Liceu as aulas das diversas classes.

Os alunos notados com asterisco repetem em Outubro o exame duma disciplina em que ficaram esperados.

Recebem-se alunos internos, semi-internos e externos para *instrução primária e secundária*.

Os alunos que seguirem o *curso dos liceus* teem de matricular-se no Liceu, aonde serão convenientemente acompanhados para a freqüência das aulas; no Colégio explicam-se-lhes as lições. Abrir-se hão, porém, no Colégio as aulas das diversas classes para os alunos cujas familias assim o desejarem.

Habilitam-se no Colégio os alunos que pretenderem fazer exames singulares de quaisquer disciplinas.

Haverá tambem um *curso comercial*. Ensinam-se as línguas praticamente.

Remete-se o regulamento do Colégio e dão-se todos os mais esclarecimentos a quem os pedir.

Reabrem-se as aulas de instrução primária no dia 1 de Outubro, e as de instrução secundária no dia 15.

Aveiro, 25 de agosto de 1913.

O DIRECTOR,

Padre João Ferreira Leitão

De profundis

Extraordinario romance de combate original de Eduardo de Aguilar e consagrado ao insigne Estadista dr. Afonso Costa

De profundis, é um soberbo trabalho literario, um dos romances mais vibrantes que se tem escrito em lingua portuguêsa. **Prende a atenção. Deleita o espirito. Entusiasma, Scenas brilhantissimas personagens admiraveis.**

Um grosso volume em grande formato 500 reis, á cobrança mais 50 reis.

Importantissimo—O produto liquido do romance *De profundis* será oferecido ao insigne Estadista dr. Afonso Costa, para que s. ex.ª o entregue á *Tutoria da Infancia*, uma instituição patriotica de que é um dos fundadores.

Essa importancia será acompanhada de um luxuoso album em pergaminho, contendo os nomes e residencias de todos aqueles que, cheios de devotado patriotismo e demonstrando espiritos verdadeiramente liberais, adquiram o *De Profundis*, que é um terrivel golpe atirado ao jesuitismo.

De todos os nomes que honrem esse album, será feita a publicidade nos jornais mais lidos da capital.

—=—

Todos os pedidos do *De Profundis* pódem ser feitos á redacção de *A Voz da Instrução*, Praça do Rio de Janeiro, 5. r|chão—Lisboa, ou ao depositario do romance o ex.mo sr. *Teodoro Pombo* conhecido o conceituado comerciante com escriptorio na Rua do Arco do Bandeira, 92. 2.º—Lisboa.

Anuncio

Vende-se uma junta de bois, ou um só. Teem sete anos. Trabalham bem e são muito mansos. A sua côr é castanho-escuro, de peitos largos e caidos. Chifres regulares e bem postos; de largo bojo e tendo de altura um metro e cincoenta. Quando não come ou não trabalha, deita-se.

Vende-se tambem um cavalo de tres anos, manso, ainda em manada e sem ensino, de côr castanho-claro, bem arraçado, medindo um metro e cincoenta.

Quem pretender dirija-se a José Rodrigues Pardinha, de Sarrazola, freguezia de Cacia, no distrito de Aveiro.

Casa

Vende-se uma, na rua de Santo Antonio, com quintal, arvores de fructo e poço.

Nésta redacção se diz.

Nutricia de Lisboa

Produtos desta casa a vender em Aveiro:

Extrato de malte em pó, Chocolate com aveia, marca *Cavalo branco;* Café de cevada, Farinha de Nestlé, Alpina, Bledine, Aveia, Cevada e Arroz. Massas alimenticias para regimen. Bolachas, etc., etc.

Alberto João Rosa
33-A, Rua Direita, 33-B
AVEIRO

A LIBERDADE

vende-se:

Em **Londres,** na Libraria Hispano-Americana, Charing, Cross-Road, 134;

Sempre frescas!

Agua de Lombadas.
Agua de Melgago.
Agua das Pedras Salgadas—Penedo.
Agua das Pedras Salgadas—D. Fernando.
Agua de Vidago—Fonte Vidego.
Agua de Vidago—Sabroso.
Agua de Vidago—Campilho.
Agua de Entre-os-Rios.

Só na Farmacia Central
DE
FRANCISCO DA LUZ & FILHO
Rua dos Mercadores
AVEIRO

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor-**ALBERTO SOUTO**

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.
Não se devolvem autografos.
Não se aceita colaboração que não seja pedida.
Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)
Brazil (moeda forte)
outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha . . . . . 40 réis
Anuaes, contrato com a administração.

Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)
Impressão a vapor
LARGO CAMÕES
Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

NOVIDADE LITERARIA

CAVANDO A RUINA

NOVELA

POR

RENATO FRANCO

Episodios da vida local

Preço 50 centavos

Editor--Bernardo Torres

A' venda na Tabacaria Havaneza, aos Arcos.

AVEIRO

Leitões

Cruzamento de Berkschire e javali

Vendem-se 4 casais a 10:000 reis cada um.—Falar com Zeferino Borges—AVEIRO.

"A LIBERDADE,,

vende-se

Em **Aveiro**, no quiosque da Praça Luiz Cipriano e na Tabacaria Veneziana, aos Arcos;

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

Cartões de visita

Com perfeição e rapidez, imprimem-se nesta tipografia por preços modicos.

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as delicio sas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Plantas americanas

Barbados e enxerto das castas mais produtivas e resistentes, enxertos de pereira de excelentes qualidades.

Vende:--Manuel Rodrigues Pereira—REQUEIXO.

A cura rapida da
ANEMIA, CLOROSE, FEBRES PALUSTRES OU SEZÕES,
obtem-se com a

Quinarrhenina

e consideraveis melhoras na **TUBERCULOSE**.

Na **CONVALESCENÇA** da maior parte das doenças é insubstituivel.

Em poucos dias de tratamento constata-se aumento de peso, de apetite e recuperamento de forças.

Não produz perturbações gastro-intestines como sucede com os outros tonicos.

Premiada nas Exposições de Londres, Paris, Roma, Anvers e Genova com 3 grandes premios e 5 medalhas de ouro.

Na de Barcelona—membro do juri—as mais altas recompensas.

Frasco 810 réis.

A' venda nas boas farmacias do paiz e colonias.

Depositos: AVEIRO—Farmacia Reis; ANADIA—Farmacia Maia etc., etc.

Deposito geral: LISBOA—Farmacia Gama, Calçada da Estrela, 118.

Tosses E GRIPE curam-se rapidamente com o **Xarope Gama** de creosota lato-fosfatado.

Frasco 610 réis

Depositos: os mesmos da *Quinarrhenina.*

O calvario do amor

E' o titulo dum novo romance editado pela antiga e acreditada livraria Belem & C.ª Suc., de Lisboa, que agora está em distribuição.

Para todas as obras, publicadas por esta casa, está aberta assinatura permanente, podendo os fasciculos ou tomos de qualquer obra, serem requesitados áquela livraria, ou á sua representante no Porto, rua do Heroismo, 254.

Adubos

quimicos, compostos e organicos

Sulfato de cobre puro de 99 a 100 °/o.
Enxofre e flôr de enxofre.
Arames lisos zincados.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

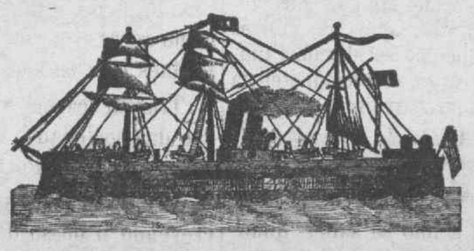
Remetem-se tabelas de preços.

Depositos em Quintãs e Mamodeiro
Virgilio S. Ratola
Mamodeiro

O Almanaque de «A Liberdade» e Manual do Viajante no distrito de Aveiro encontra-se á venda em muitas livrarias do paiz.

Hamburg Suedamerikanische Dampischifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMERIKA-LINI



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

MOTOCICLETES **BICICLETES**

MAQUINAS DE COSTURA MAQUINAS DE ESCREVER

AUTOMOVEIS

GRANDE deposito de MOTOCICLETES **Wanderer,** BICICLETES **Woerner** e outras marcas a começar em 21$000 réis, com mala chaves e bomba.

MAQUINAS FALANTES E DISCOS. Maquinas de costura e de escrever, da fabrica **Wanderer.** Todos os acessorios para as mesmas.

Oficina de concertos e reparações rapidas e garantidas. Garage para reparações e pernoita de automoveis. Oleos e gazolina.

Aluguer de bicicletas, motocicletes e automoveis.

Grande deposito de calçado em todas as cores e qualidades. Alfaiataria, aonde se executa toda a obra para homem, senhora e creança e os celebres gabões de Aveiro e sobretudos da moda.

Agente de automoveis "Charron,, e "Darraq,,

As MOTOCICLETES **Wanderer** foram as que tiveram o grande triunfo do circuito do Minho.

As BICICLETAS **Woerner** teem sido premiadas em todas as exposições onde teem concorrido.

Podem ser procurados em todas as feiras de 15, em Santo Amaro, (R. do Calçado)

ABEL GUEDES DE PINHO & C.ª — Ovar